

Jane Duboc e
Gilson Peranzzetta
celebram Ivan Lins

PÁGINA 2



TV Cultura exhibe
série que revive a
Semana de 22

PÁGINA 7



'Minha Vida em
Marte volta aos
palcos cariocas

PÁGINA 8



2º CADERNO

Por Affonso Nunes

Não se pode prever o resultado do desfile das escolas de samba, mas é fato que a Portela acertou em cheio ao

embarcar num term azul com seu enredo "Cantar será buscar o caminho que vai dar no sol – Uma homenagem a Milton Nascimento". E é neste clima de homenagem a este gigante da música brasileira, um artista de reconhecimento mundial, que a Portela se apresenta nesta quinta-feira (13), às 21h, no Vivo Rio, tendo Teresa Cristina, a Velha Guarda da escola e convidados especiais, a começar pelo próprio Bituca.

Além de Milton, outros grandes nomes da MPB confirmaram presença nesta noite que se veste de azul para celebrar o artista cuja obra atravassou a esquina das ruas Paraisópolis e Divinópolis, em Belo Horizonte, para conquistar o Brasil e o mundo. São eles: Simone, Criolo, Maria Gadú e Roberta Sá. Uma noite única, onde o samba e a MPB se encontram para celebrar a grandeza de Milton e da Portela.

"É uma honra tremenda homenagear a Portela e Milton Nascimento, duas grandiosidades do Brasil – ainda mais com a presença dele no palco e da Velha Guarda, com quem tive o prazer de dividir momentos emocionantes em 2024. Tenho certeza de que juntos faremos um show inesquecível para celebrar Bituca, esse artista gigantesco e de profunda importância para todo brasileiro. E tudo se torna ainda mais especial ao lado de artistas que admiro imensamente", destaca Teresa Cristina.

Portelense de corpo e alma, Teresa Cristina tem a escola entrelaçada com sua carreira iniciada em 1997 com um show dedicado a Candeia. Desde então, lançou nove álbuns, participou de diversos projetos e se tornou uma referência na valorização



Teresa Cristina e a Velha Guarda da Portela receberá Milton Nascimento e outros convidados

A Portela viaja no trem azul de Bituca

Teresa Cristina e Velha da Guarda da azul e branco recebem Milton Nascimento, o homenageado da escola neste carnaval, em noite que terá a participação especial de grandes nomes da MPB

do samba. Em 2024, protagonizou três apresentações em homenagem aos 100 anos da Portela.

E neste novo espetáculo, ela recebe Milton e convidados para interpretar clássicos do homenageado, além do samba-enredo que diz "Nessa estrada, é sonho, é poeira / Passa o trem azul, sigo em paz / Feito Rio... só me leva / Pra Deus filho de Maria / Tantos mares em um cais". O repertório dessa noite em tons de azul trará ainda hinos imortais da escola, como "Das Maravilhas do Mar, Fez-se o Esplendor de Uma Noite", campeão de 1981, e obras-primas de bambas do naipe de Paulinho da Viola, Candeia, Zé Ketí, Clara Nunes e Monarco.

CORREIO CULTURAL

Alile Dara Onawale/Divulgação

'Ainda Estou Aqui'
repete o feito
de 'Parasita' na
premiação



'Ainda estou aqui' vence Gold Derby Awards em 4 categorias

"Ainda Estou Aqui" venceu o Gold Derby Awards nas categorias de melhor filme, roteiro, atriz e filme internacional. O site estadunidense Gold Derby, que é especializado em previsões da temporada de premiações, anunciou os vencedores de sua tradicional premiação que teve os votos de mais de 10 mil membros.

Reconhecimento

O filme estrelado por Fernanda Torres ainda faturou os troféus de melhor filme internacional, melhor roteiro adaptado (Murilo Hauser e Heitor Lorega) e melhor atriz (Fernanda Torres). "É um prêmio muito especial para mim", disse Fernanda Torres.

Cultura do ódio

Fernanda Torres comentou as polêmicas da reta final do Oscar envolvendo as controvérsias envolvendo "Emilia Pérez" e sua protagonista, a espanhola Karla Sofía Gascón, acusada de postar conteúdo racista e xenófobo na internet.

O longa de Walter Salles é a segunda produção estrangeira a conquistar a categoria de melhor filme. Antes dele, só "Parasita" conquistara o título. O candidato brasileiro ao Oscar superou "Tudo que Imaginamos Como Luz", "Anora", "O Brutalista", "Rivais", "Conclave", "Duna: Parte 2", "Emilia Pérez", "A Substância" e "Wicked".

Reconhecimento II

'Ainda Estou Aqui' é a adaptação do romance homônimo de Marcelo Rubens Paiva que narra a saga da sua mãe, advogada Eunice Paiva, para que o Estado brasileiro reconhecesse o assassinato de seu marido, Rubens Paiva, pela ditadora militar.

Cultura do ódio II

"Estou em choque com o que aconteceu. É triste, é realmente chocante. Mas sou totalmente contra a cultura do ódio na internet. Fui alvo e sempre lutei contra isso", disse a atriz brasileira em entrevista concedida à revista Vogue.

Divulgação



Jane Duboc e Gilson Peranzetta têm uma relação íntima com a obra de Ivan Lins, uma das mais reverenciadas da história da MPB

Um tributo íntimo e poderoso a um gênio da MPB

Jane Duboc e Gilson Peranzetta lançam álbum em tributo ao grande Ivan Lins no Teatro Rival Petrobras

Por **Affonso Nunes**

Nesta quinta-feira (13) o Teatro Rival Petrobras abre seu palco para uma homenagem mais que merecida a um gigante da canção popular brasileira. A cantora Jane Duboc e o pianista e arranjador Gilson Peranzetta se unem para lançar o álbum "Celebrando Ivan Lins", projeto que coincide com a celebração dos 80 anos do cantor e compositor.

O repertório do show é uma viagem pelos clássicos que consagraram Ivan Lins como um dos

maiores criadores da MPB. Canções como "Lembra de Mim", "Começar de novo", "Novo Tempo", "Iluminados", "Aos Nossos Filhos", "Vieste" e "Me deixa em Paz" ganham novas roupagens, sob a batuta precisa de Peranzetta, que assina a direção musical, os arranjos e toca piano com a mestria de sempre. A noite também terá um momento especial com a execução de "September", parceria entre Peranzetta e Ivan Lins, que ganhou letra em inglês escrita por Jane Duboc e Claudio Lins, filho do homenageado. Essa faixa já aparecia em "The Smiling Hour", um projeto de

Jane e Peranzetta lançado no ano passado, com cinco faixas de Ivan em inglês e lançado como foco no mercado internacional no qual o compositor tem enorme prestígio.

Com mais de 50 anos de carreira, Jane carrega a música brasileira no DNA. Sua voz, ao mesmo tempo potente e delicada, já atravessou gêneros, do rock progressivo à música erudita, passando ainda pelo jazz e pelo blues, sempre com emoção. A artista define Ivan como "um poeta da alma brasileira", e diz que revisitar sua obra é como "encontrar um velho amigo".

Peranzetta, por sua vez, é o arquiteto por trás dos arranjos que dão vida ao projeto. Com uma trajetória que inclui colaborações com nomes como Milton Nascimento, Elis Regina, Leny Andrade e o trompetista estadunidense Dizzy Gillespie, o músico fala de Ivan Lins com a reverência de quem conhece cada nuance de sua música. "Ivan é um gênio da harmonia, mas também um contador de histórias. Cada canção dele é um universo", destaca.

A relação de ambos com Ivan Lins não é casual. Jane já gravou várias de suas composições ao longo da carreira, enquanto Peranzetta colaborou com o compositor em projetos anteriores, sendo o responsável pela produção e arranjos de todos os álbuns de Ivan entre 1974 e 1985. Os dois seguem juntos, compondo fazendo shows e recentemente gravaram o CD "Cumplicidade" para comemorar os 50 anos de amizade e parceria.

Essa intimidade com a obra de Lins se reflete na escolha do repertório e na forma como as canções serão apresentadas. No palco, a dupla será acompanhada por Rômulo Gomes (baixo) e João Cortez (bateria), músicos que garantem a base sólida para as interpretações de Jane e os arranjos sofisticados de Peranzetta.

SERVIÇO

JANE DUBOC E

**GILSON PERANZETTA -
CELEBRANDO IVAN LINS**

Teatro Rival Petrobras (Rua Álvaro Alvim, 33) | 13/2, às 19h30 | A partir de R\$ 42

Thedy Corrêa experimenta os sabores de voar solo

Fabrício Simões/Divulgação

Sem deixar os projetos do Nenhum de Nós de lado, vocalista apresenta no Blue Note Rio single que inaugura nova fase de sua carreira

Vocalista e principal compositor da banda Nenhum de Nós, Thedy Corrêa dá largada em sua carreira solo com o lançamento do single “A Mesma Língua”. A canção conta com a participação do amigo Roberto Frejat e é uma parceria com Estevão Camargo, que acompanhará Thedy no show que o artista gaúcho faz nesta quinta-feira (13), no Blue Note Rio, para apresentar o novo trabalho. Thedy terá ainda como convidado o músico e produtor Sa-

cha Ambach fará uma participação especial com seu paino.

Além da nova música, o repertório incluirá grandes sucessos do Nenhum de Nós, como “O Astronauta de Mármore” (célebre versão em português para “Ziggy Stardust”, o mega-sucesso de David Bowie) e “Camila, Camila”.

Thedy faz questão de enfatizar que sua carreira solo não interfere na agenda e projetos futuros com os colegas da Nenhum de Nós. A banda, surgida na explosão do pop-rock no Brasil, é uma das mais longevas



Thedy Corrêa integra o Nenhum de Nós desde sua formação

e bem-sucedidas, com mais de 2 mil shows realizados em países como Argentina, Paraguai, Uruguai e China. O grupo gravou 17 discos, 3 DVDs e 1 EP, conquistou inúmeras premiações e mantém uma legião de fãs no Brasil e na América Latina.

A letra de “A Mesma Língua” faz parte do primeiro livro de poesias de Thedy, “Bruto”, que inspirou a melodia de Estevão Camargo. O multi-instrumentista e compositor acompanha o Nenhum de Nós há mais de 15 anos.

SERVIÇO

THEDY CORRÊA – A MESMA LÍNGUA

Blue Note Rio (venida Atlântica, 1910)
13/2, às 20h

Ingressos a partir de R\$ 60

Paixão coletiva pela música

Músicos da Supernova levam ao Manouche suas releituras para hits que vão de James Brown a Black Pumas

A Supernova retorna ao palco do Manouche nesta quinta (13) trazendo sua habilidade de reinventar clássicos com novos arranjos. Criada em 2019, a banda nasceu de encontros despretensiosos entre músicos tarimbados que se propuseram um desafio: escolher, arranjar e gravar uma música no mesmo dia, compartilhando o resultado nas redes sociais. E o que começou como uma experimentação sonora se expandiu para os palcos, consolidando o projeto com apresentações ao vivo que traduzem essa paixão coletiva

pela música.

Mais do que uma banda, a Supernova representa a fusão de histórias e influências musicais e a missão de levar emoção e energia ao público em suas performances ao vivo. “Queremos que todos sintam o prazer que a música nos proporciona. Que cada nota seja uma troca, e que cada show seja uma experiência vibrante e autêntica”, diz o vocalista Fábio Mondago, que já trabalhou ao lado de Lulu Santos, Gabriel O Pensador, além de criar trilhas sonoras para cinema e tevê.



Divulgação

Criada em 2019, a Supernova é formada por músicos tarimbados que já tocaram com grandes nomes da MPB

No repertório, a banda imprime sua identidade única a releituras de sucessos de Marvin Gaye,

James Brown, Beatles, Black Pumas, Gnarl Barkley, Tim Maia, Lulu Santos e Iza, entre outros.

A formação da Supernova tem ainda Dudu Azevedo, baterista, que passou por bandas como Redtrip e Tianastácia; no baixo, Jorge Ailton, que já tocou com Paula Toller, Sandra de Sá, Tony Garrido e Roberto Carlos, além de ter integrado a banda de Shakira na Copa do Mundo de 2014; Juliano Cortuah, guitarrista, é produtor e compositor com colaborações de sucesso com Ludmilla e Diogo Nogueira; e João Pompeu, tecladista, já acompanhou como Erasmo Carlos, Paula Toller, Leo Jaime e Anitta.

SERVIÇO

SUPERNOVA

Manouche (Rua Jardim Botânico, 983) | 12, às 21h |

Ingressos: R\$ 100 e R\$ 50

(meia solidária, levando 1kg de alimento não perecível ou livro a ser doado para o Retiro dos Artistas)

Avante, vingador!

Eli Adé/Marvel

‘Admirável Mundo Novo’, nova aventura do Capitão América, com Anthony Mackie no papel e Harrison Ford de Hulk Vermelho, estreia nesta quinta reciclando a força pop da Marvel



Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

Lançado por Stan Lee e Gene Colan em setembro de 1969, nas páginas da edição 177 da revista mensal do Capitão América, Sam Wilson, o Falcão, alça novos voos no imaginário decolonial da cultura pop ao protagonizar o que periga ser um dos mais rentáveis blockbusters do trimestre (quicá do ano). Agora, ele veste o uniforme do Sentinela da Liberdade.

Anthony Mackie, que deu o ar de sua graça e talento no audiovisual em 2002, rivalizando com Eminem em “8 Mile”, controla as manobras aéreas do herói, ao mesmo tempo que arremessa o escudo com as cores da bandeira americana. Desde 2014, ele enverga as asas do vigilante alado da Marvel e ganhou até série na Disney+, ao lado de Sebastian Stan (de “O Aprendiz”). Seu desafio desta vez é maior. Tem o tamanho – e a força – do Hulk... só que vermelho... interpretado pelo eterno Indiana Jones, o mí-

tico Harrison Ford.

Tem outros obstáculos em seu caminho além da criatura rubra, começando pelo cientista muito louco Samuel Sterns (vivido por Sam Blake Nelson). Wilson/Mackie terá um sufoco e tanto pelo caminho, mas carrega um simbolismo – antirracista – consigo que torna sua missão ainda mais urgente nas reviravoltas de “Captain America: Brave New World”. Ligado a Spike Lee em projetos anteriores, o diretor Julius Onah é o cineasta que pilota essa superprodução em cartaz a partir desta quinta (13).

“O desafio aqui é transmitir emoções a partir da ação, assumindo que Sam Wilson precisará improvisar sob o uniforme do Capitão América. Para além das asas e de qualquer potencial habilidade, ele terá de usar as mais variadas proficiências para se firmar, mas é durão”, disse Onah em reposta ao Correio da Manhã numa coletiva online do longa-metragem organizada via Zoom pela Disney, com parte do elenco e o produtores Nate Moore e Kevin Feige, o Midas do império Marvel no cinema.

Harrison Ford (Thaddeus Ross) e Anthony Mackie (Sam Wilson/Capitão América) na mais nova aposta da Marvel para revigorar as live actions de super-heróis, um gênero em crise

Feige já trouxe muita renda para a Casa das Ideias (apelido da editora que virou o Marvel Studios). Entretanto, os tempos andam difíceis para o reinado marvete nas salas de exibição, frente à retração de público que os filmes de super-herói andam enfrentando nos multiplexes, num sinal de fadiga de um filão.

Fonte de lucros

Adaptações de HQs consagraram-se como a vereda de maior lucratividade do cinema. Emplacaram até indicações ao Oscar, vide “Batman: O Cavaleiro das Trevas” (2008) e “Logan” (2017), e ganharam o Leão de Ouro de Veneza (“Coringa”, em 2019). Ao longo de todo este século, as transposições de quadrinhos encheram salas. Basta notar que, em 2024, a segunda maior bilheteria foi a de “De-

pool & Wolverine”, com cerca de US\$ 1,3 bilhão de faturamento (atrás só de “Divertida Mente 2”, que somou US\$ 1,6 bilhão). No entanto, o que parecia à prova de falhas antes vem dando tilte hoje. A tarefa de “Capitão América: Admirável Mundo Novo” é provar que essa variante da fantasia segura público... e dá lucro.

“Quando fizemos ‘Vingadores: Ultimato’ (lançado em 2019), alcançamos uma crescente que virou um marco. Agora, o que temos que fazer com este novo filme do Capitão é lançar as fundações para uma nova fase da Marvel”, disse Mackie, no Zoom da Disney. Na reta final de “Ultimato”, o Capitão original, Steve Rogers (Chris Evans), entrega seu escudo a Wilson com a certeza de que ele será o substituto perfeito. A conexão que travou com o antigo parceiro de Rogers, Bucky, o Soldado Invernal (Sebastian Stan), é um fator a mais para a confiança do justiceiro que combateu Hitler. O difícil será conseguir confiança do general Thaddeus Ross, agora presidente – papel de Ford. Ele

quer o controle dos supers... controle pleno... e vai se transformar numa fera GG para isso.

“Wilson e Steve têm algo em comum que é a compaixão”, disse Mackie, que trabalhou no oscarizado “Guerra ao Terror” (2008) e atuou sob a batuta de Spike Lee em “Elas Me Odeiam, Mas Me Querem” (2004). “Diferentemente de seu antecessor, Wilson nunca tomou o Soro do Supersoldado que transformou Steve no Capitão. Ele é um cara comum. A identificação com espectadoras/es pode vir daí”.

Desde que as primeiras imagens de Ford como o Hulk Vermelho foram veiculadas no YouTube, o urro selvagem desse Golias funcionou como um ímã de atenções para “Admirável Mundo Novo”. Onah insiste que o foco do longa não está nele, e, sim, na consolidação de Wilson como o Capitão de que a Terra precisa. “O superpoder do novo Capitão é a empatia”, diz.

Associado a franquias lendárias como “Star Wars” (na qual vive o mercenário Han Solo), Ford (hoje com 82 anos) carimba seu passaporte para o MCU (Marvel Comics Universe) com ansiedade de falar para novíssimas gerações. Ser um Hulk pode até ser um fardo, mas, para quem já foi Indiana Jones... “Tudo o que eu quis foi fazer um filme que extrapolasse as lutas e a ideia de Bem contra o Mal, numa representação do humanismo”, diz Ford, ciente da força numérica da saga do Capitão América.

Os três filmes anteriores do herói faturaram respectivamente US\$ 370 milhões (o primeiro, de 2011), US\$ 714 milhões (o segundo, de 2014) e US\$ 1,1 bilhão (o estouro das boiada “Guerra Civil”, de 2016, que revelou o Pantera Negra). Agora, resta saber o quão alto o ex-Falcão e atual Capitão vai flunar pelos céus.

Convocado para comandar o júri da Berlinale, bamba do cinema autoral 'indie' ocupa a Amazon Prime com títulos como 'Segredos de um Escândalo', badalado pela crítica

Todd Haynes, presidente e presente

Jorge Fuembuena/SSIF



O cineasta americano Todd Haynes preside o júri do Festival de Berlim, que tem início nesta quinta

Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

Assumir a presidência do júri da 54ª Berlinale, que começa nesta quinta-feira (13), é uma forma de Todd Haynes, divo dos filmes indie, exorcizar o baque que sofreu em agosto de 2024, quando teve um projeto adiado, às vésperas de iniciar suas filmagens, em decorrência da perda de seu protagonista, Joaquin Phoenix. O astro recusou-se a seguir com o compromisso firmado com o realizador sem tornar públicas suas justificativas. Tomou bordoadas de todo o lado pela opção de abandonar um longa – centrado numa paixão entre dois homens – que dependia de seu star quality para sair do papel.

Haynes acabou associado a uma nova empreitada, “Fever”, a cinebiografia da cantora Peggy Lee (1920-2002), com Michelle Williams no papel central. Antes disso, tem 19 longas-metragens para avaliar na capital alemã, para decidir qual deles merece receber o Urso de Ouro. Entre os concorrentes, há o brasileiro “O Último Azul”, de Gabriel Mascaro, distopia que se ambienta na Amazônia, com Denise Weinberg e Rodrigo Santoro no elenco.

Hoje com 64 anos, Haynes vai analisar candidato por candidato

ao lado de um time de peso. Entre suas juradas e seus jurados, estão três cineastas (a alemã Maria Schrader, que também é atriz; o marroquino Nabil Ayouch; e o argentino Rodrigo Moreno); a figurinista Bina Daigeler, egressa de Munique; a crítica de cinema Amy Nicholson, do “Los Angeles Times”; e a estrela chinesa Fan Bingbing. Essa turma anuncia seu veredicto na Berlinale

Palast no dia 22.

“O mestre alemão Rainer Werner Fassbinder dizia que um melodrama precisa de falsos finais felizes como forma de levar a plateia a entender o que se passa nos entornos da vida de suas personagens. Talvez por isso, o cinema que eu faço tenta mirar a sociedade e suas dinâmicas moralistas nas brechas em que a lente da câmera não está centrada

nas protagonistas”, disse Haynes ao Correio da Manhã, em entrevista na Espanha, quando lançava “Segredos de um Escândalo”, hoje na Prime Video.

Em dezembro, esse drama devastador sobre desejos e projeções de identidade figurou numa das listas de maior prestígio do audiovisual: a enquete anual de 10 Mais da revista francesa “Cahiers du Cinéma”. A equipe crítica do periódico elegeu “Segredos de um Escândalo” como o segundo melhor filme de 2024 – o nº 1 foi “Misericórdia”, de Alain Giraudie. Estrelado por Natalie Portman e Julianne Moore, o longa concorreu ao Oscar de Melhor Roteiro Original (escrito por Samy Burch e Alex Mechanik).

Presunções morais

“Foi Natalie que trouxe o enredo de ‘Segredos de Um Escândalo’ para mim, brigando por um roteiro que fala sobre o desconforto que as presunções morais trazem”, explicou Haynes, num papo em que encheu de elogios o montador paulista Affonso Gonçalves, editor habitual de seus filmes e da minissérie “Mildred Pierce” (2011), também no ar na Prime Video. “Affonso é uma pedra fundamental na minha criação. Eu sou ruim de olhar o copião do que rodo, sobretudo quando ainda estou filmando, e entrego a ele a tarefa de me propor uma versão inicial do material bruto. Ele sempre me sai com ideias provocativas”.

Foi Affonso quem montou “Ainda Estou Aqui”, de Walter Salles, hoje candidato a três Oscars: Melhor Filme Internacional, Melhor Atriz (Fernanda Torres) e

Melhor Filme. Às da montagem, o editor contou ao “Correio da Manhã” que Haynes lhe oferece trocas profundas na concepção de seus trabalhos. Em “Segredos de um Escândalo”, eles vão às profundezas da hipocrisia dos EUA.

Na Prime, é possível encontrar outros experimentos narrativos de Haynes pouco falados: “Sem Fôlego” (2017) e “O Preço da Verdade” (2019), que também está na Netflix. Sempre atenta ao realizador, a MUBI incluiu em sua grade o festejado “Carol” (2015), que rendeu a Rooney Mara o prêmio de Melhor Interpretação Feminina no Festival de Cannes.

Quem inaugura a 54ª Berlinale é o alemão de Wuppertal Tom Tykwer, um dos diretores mais importantes para o redesenho da produção germânica na conversão do cinema analógico (em película 35mm) para o digital, na década de 1990. Os cults “Winter Sleepers - Inverno Quente” (1997) e “Corra, Lola, Corra” (indicado ao Leão de Ouro de 1998) fizeram sua fama. O novo exercício de sua autoridade, “Das Licht” (“The Light” ou “A Luz”), passa hors-concours como atração de abre-alas do festival, apoiado no carisma de seu astro, Lars Eidinger (de “Dying”). No drama filmado por Tykwer, uma família se aboleta num apartamento na capital alemã. Embora as complexidades do dia a dia distanciem seus integrantes, eles vivem em harmonia, até que a enigmática Farrah (vivida por Tala Al-Deen), recém-chegada da Síria, é contratada como governanta. Com ela, o clã chefiado por Milena (Nicolette Krebitz) e Tim (Eidinger) terá novas lições de empatia.

A convocação de “Das Licht” assinala a nova linha curatorial da Berlinale, confiada à americana Tricia Tuttle, que vem do BFI London Film Festival. A gestão anterior, de Mariette Rissenbeek e Carlo Chiarin, começou em 2020 (pré-pandemia) e terminou no ano passado. O saldo da dupla foi dos mais positivos, pois reaproximou o festival de grifes narrativas há muito afastadas como Martin Scorsese e Steven Spielberg, reconectando relações com Hollywood.

Projeto social promove sessões de curtas-metragens em hospitais cariocas

Por Affonso Nunes

O projeto social Curta Terapia – O cinema nos hospitais está redefinindo a experiência hospitalar ao levar a sétima arte para pacientes em tratamento oncológico. Nesta quinta-feira (13), o Hospital Pediátrico Jutta Batista, em Botafogo, será palco de mais uma sessão de curtas-metragens, promovendo momentos de alívio e conexão com a vida e a arte.

Criado por Marcela Siqueira – atriz, produtora e estudante de Psicologia –, o projeto tem uma missão clara: humanizar o ambiente hospitalar. Em instituições públicas e privadas, crianças e adultos encontram na tela uma janela para fora das paredes brancas e frias da rotina médica.

“O Curta Terapia vai além do entretenimento. Ele reformula a interação entre profissionais de saúde e pacientes, oferecendo uma experiência que transforma o ambiente hospitalar”, relata Laudicea Henriques da Silva, coordenadora de fisioterapia do Hospital Getúlio Vargas, na Penha, que já recebeu sessões do projeto.

Entre os convidados da próxima exibição está o ator Cauê Campos, conhecido pelo trabalho na novela “Garota do Momento” e na série “Detetives do Prédio Azul”. “A arte salva. A cultura cura. Estar nesses espaços é uma honra e uma responsabilidade”, comenta ele.

O evento contará também com a presença do cineasta José Bial e da cantora Joyce Cândido. Filho do jornalista Pedro Bial, José tem um portfólio que inclui roteiros e direção de curtas premiados. Joyce, por sua vez, é uma artista de renome que já dividiu o palco com Elza Soares, Bibi Ferreira e João Bosco.

Produzido pela Tom & Luz Produções, o Curta Terapia foi aprovado pela Lei Municipal de Incentivo à Cultura e conta com apoio da Prefeitura do Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura, Rede D’Or e CVA.

A gênese do Projeto

Durante seus estudos em Psicologia, Marcela investigou o impacto da arte na humanização do atendimento hospitalar. Sua pesquisa revelou um potencial



Pacientes de todas as idades têm a arte como um suporte terapêutico para seus tratamentos

Cinema é o melhor remédio



Divulgação

transformador: a cultura poderia suavizar o peso do tratamento clínico e resgatar a identidade dos pacientes.

O ponto de virada viria em 2016, quando ela inscreveu o curta-metragem “Impermanência” no Festival de Cinema Celucine. A produção quase não aconteceu devido aos custos, mas um encontro fortuito mudou o rumo da história. Um entregador, ao deixar equipamentos de filmagem na casa de Marcela, compartilhou sua experiência pessoal com o câncer na família. A conversa reacendeu sua determinação. Com apoio de amigos e profissionais, o curta foi realizado e conquistou prêmios no Festival Celucine (2016) e no Arraial Cine Fest (2018). Mais que um filme, ele se tornou um catalisador de um projeto maior, reconhece Marcela.

A primeira sessão hospitalar do Curta Terapia ocorreu no Hospital Vitória, na Barra da Tijuca. “Notamos que esses curtas premiados, muitas vezes restritos a festivais, tinham um enorme potencial para impactar vidas”, explica Marcela.

E o formato se consolidou: exibições seguidas de conversas com pacientes, familiares e profissionais, ampliando a humanização no ambiente hospitalar e reforçando os princípios estabelecidos em políticas públicas como o Programa Nacional de Humanização da Assistência Hospitalar, do Ministério da Saúde.

“Oito anos depois, seguimos ampliando nossa atuação. Essa história precisava ser contada, e nossa missão é continuar transformando realidades através da arte”, conclui Marcela.

Modernismo não é coisa do passado

Série 'Aqueles Dias' marca o aniversário da Semana de Arte Moderna de 1922 e estreia na TV Cultura

Por Guilherme Luís (Folhapress)

Para marcar o aniversário de 103 anos da Semana de Arte Moderna de 1922, a TV Cultura exibirá a partir desta quinta-feira (13) a série "Aqueles Dias", que narra os dramas e os feitos dos artistas mais emblemáticos do período modernista. E, para dar um toque de modernidade à trama, a série de quatro episódios mistura Anita Malfatti, Mário de Andrade e Tarsila do Amaral, entre outras figuras da época, a personagens inventados, como Jení, uma mulher trans que viaja no tempo e leva focos sobre a política de hoje.

Exibida como longa-metragem em outubro durante a Mostra de Cinema Internacional de São Paulo, "Aqueles Dias" vinha desde então pleiteando veículos para ser exibida. Helio Goldsztejn, o criador, diz que levar a série à TV aberta e democratizar seu acesso é como atender aos propósitos do próprio modernismo, que buscava, por essência, a valorização da cultura nacional.

"A proposta desses artistas era de que o universo da arte não ficasse restrito ao prato do dia. Depois da Mostra pensamos 'vamos abrir as portas?'," diz Goldsztejn.

Por isso ele fugiu de usar a linguagem acadêmica e didática que costuma rondar o modernismo,



Divulgação

Em 'Aqueles Dias', Hélio Goldsztejn carrega a essência estética da geração modernista de 1922 com uma narrativa contemporânea, procurando conectar as novas gerações de nomes como Anita Malfatti, Tarsila do Amaral, Oswald de Andrade e Mário de Andrade

“Veja as discussões que temos sobre gênero e racismo, ou as mudanças em relação aos imigrantes [nos EUA]. Tudo isso já existia naquela época, ainda que de uma forma mais embrionária”

Helio Goldsztejn

ou qualquer outro movimento histórico. Preferiu uma trama menos cabeçuda, com cara de entretenimento, para alcançar um público maior - e mais jovem.

Apelou, então, para os memes.

Seus personagens soltam vez ou outra gírias como "errado não tá" e "ele que lute", usadas nas redes sociais. Além disso, Goldsztejn, que também dirigiu a série, fez os protagonistas usarem celulares - o



Divulgação

que acelera a trama e facilita certos impasses em cena.

Dessa forma, diz o diretor, a série consegue mostrar como a sociedade de hoje ainda está muito próxima daqueles tais dias que batizam

a obra. "Veja as discussões que nós temos sobre gênero e racismo, ou as mudanças que tem acontecido em relação aos imigrantes [nos Estados Unidos]. Tudo isso já existia naquela época, ainda que de uma forma mais embrionária"

"Aqueles Dias" segue em exibição na TV Cultura até domingo. Goldsztejn agora negocia para que a série entre no catálogo de uma plataforma de streaming. "Exibir na Mostra de Cinema foi o pontapé inicial, onde houve vários debates. Mas, agora, na televisão, é quando nós teremos uma medida de resultado maior", acredita o realizador.

A conexão marciana de **Mônica Martelli**

Camila Cara/Divulgação

Assistido por mais 350 mil pessoas em todo o país, monólogo da atriz e dramaturga tem apresentação única neste sábado no Qualistage



Em ‘Minha Vida em Marte’, Mônica Martelli dá vida às angústias e dilemas da personagem Fernanda após o divórcio. O sucesso do espetáculo rendeu uma adaptação cinematográfica que levou 5 milhões de pessoas às salas de exibição

Espetáculo levou mais de 350 mil pessoas ao teatro e originou versão cinematográfica que conquistou milhões de espectadores, tendo Paulo Gustavo no elenco, o monólogo “Minha Vida em Marte”, de Mônica Martelli, volta ao Rio em apresentação única neste sábado (15) no Qualistage. É o retorno da comédia à cidade após ser assistida por mais de 350 mil espectadores pelo país.

“Minha Vida em Marte” traz a personagem Fernanda casada há oito anos e em crise no casamento. Vamos ver a protagonista tentando encontrar saídas para as intolerâncias diárias que a rotina traz, a falta de libido, o acúmulo de mágoas e as expectativas frustradas. “Ela luta contra o medo da separação, o medo da solidão, o medo de ressignificar sua vida e, claro, o medo de se separar com 45 anos numa sociedade machista onde a mulher não tem permissão para envelhecer”, explica Mônica.

Tendo como inspiração suas próprias experiências, Mônica leva ao teatro um monólogo bem-hu-

morado que aproxima através do riso e leva homens e mulheres à reflexão. E assim a atriz se confirma como uma das autoras brasileiras que melhor traduzem o comportamento feminino moderno. Será que é possível voltar a se apaixonar pelo marido? Ou a solução é se separar? A comédia toca ainda em temas como traição, machismo, trabalho duplo da mulher e educação dos filhos. Ou seja, é um texto libertador que foi escrito sob a premissa de que ser feliz é fundamental.

Desde que estreou, em 2017, “Minha Vida em Marte” passou por dezenas de cidades brasileiras, sempre com sessões esgotadas. Com cinco indicações a prêmios,

a peça inspirou o filme homônimo que levou mais de 5 milhões de espectadores aos cinemas e que marca a sua última atuação com o amigo Paulo Gustavo (1978-2021). Assim como no teatro e na TV, Mônica foi dirigida por sua irmã, Susana Garcia, celebrando mais uma vez o sucesso da parceria.

Esse é o pano de fundo para Fernanda se questionar na terapia de grupo. São nas sessões de análise que ela narra e vivencia deliciosamente as alegrias e os muitos problemas do seu casamento. Ali ela expõe assuntos íntimos como a intolerância no casamento, a falta de tesão, as tentativas de “trabalhar a relação” e percebe que nas

relações estagnadas adia-se o afeto e acumulam-se as mágoas. “É muito comum no casamento a gente deixar para amanhã a ternura, o sexo: a gente adia o afeto”, revela Mônica sobre Fernanda.

A atriz carioca é a criadora, autora e intérprete de “Os Homens São de Marte... E é pra Lá que eu Vou!”, dirigido por Victor Garcia Peralta, montagem que durante 12 anos foi vista por mais de 2,5 milhões de espectadores, passou por 40 cidades em 20 estados brasileiros, além de Portugal, e tornou-se um dos mais longevos sucessos de público do gênero no país. O monólogo foi um verdadeiro fenômeno teatral e deu ori-

gem ao filme que levou aos cinemas dois milhões de espectadores em 2014. Em seguida veio a série de quatro temporadas no GNT, dirigida por Susana Garcia, um dos maiores sucessos do canal.

Por nove anos, Mônica atuou como uma das apresentadoras do programa Saia Justa, no GNT – participou ainda de novelas globais como “Beleza Pura” e “Tititi”, integrou o elenco do seriado Mandrake, da HBO, e de filmes como “Trair e Coçar e Só Começar”.

SERVIÇO

MINHA VIDA EM MARTE
Qualistage (Via Parque Shopping - Av. Ayrton Senna, 3000 - Barra da Tijuca)
15/2, às 21h
Ingressos a partir de R\$ 45